

Pais brilhantes numa sociedade complexa, diferenciada e plural

EDUARDO JORGE DUQUE¹

Resumo: A sociedade moderna está repleta de marcas de decepção e de relativismo. Não obstante a pluralidade de referentes de sentido, há, na geração mais nova, como que um vazio de padrões de conduta, contrariamente à geração dos pais, razão pela qual muitos jovens sentem que nada é seguro e de que não vale a pena lutar por ideais. Uma coisa é certa, pese embora as mudanças dos estilos educativos, os pais continuam a querer o melhor para os seus filhos. A questão está em saber como ser bom pai. Cientes de que a educação é um dever inalienável e a que nenhum pai se pode escusar, é preciso ter consciência de que bons pais não nascem feitos, fazem-se ao longo da vida, amadurecendo com a educação dos filhos.

Palavras-chaves: *estilos educativos, modernidade, educação, cultura da imagem, metamorfose de valores.*

Introdução

De que falamos quando invocamos a expressão “Pais Brilhantes”? Falamos de pais, de filhos, de bons pais e de bons

¹ Universidade Católica Portuguesa, Braga e Departamento de Sociologia, U. Minho (eduardoduque@braga.ucp.com).

filhos? Falamos da dificuldade que os pais têm em ser bons pais na sociedade moderna ou na dificuldade que os filhos sentem em serem bons filhos, aos olhos dos pais? Não serão os filhos bons filhos num contexto social que os envolve? Ou, da mesma forma, não serão os pais bons pais, na presente sociedade, isto é, não farão eles, tudo quanto está ao seu alcance para serem os melhores pais, sabendo que nem sempre o são, porque não estão preparados para educar na sociedade e no mundo dos filhos?

Bem, de uma coisa estamos conscientes: quando falamos de “pais brilhantes” queremos invocar como ser bons pais nos tempos modernos ou, de um modo mais explícito, como ser bons exemplos e bons educadores dos filhos. A isto chamamos “o brilho dos pais” na educação dos seus filhos.

É impossível ser bons pais se não se olhar para a *meta*, isto é, para os filhos. Então comecemos por aqui. Pode ser que a meta, pelo caminho inverso, nos faça descobrir a partida, como partir, como ser bom, para ser bons pais.

Vamos, assim, inaugurar este nosso enunciado pela caracterização do mundo dos filhos (1 momento), para entendermos como os tempos mudaram, olhando para a sociedade dos pais (2 momento), passando pelo ideal da educação (3 momento) e terminando por cruzar todas as variáveis e apontar como é que se pode ser bons educadores (4 momento), isto é, “pais brilhantes” na sociedade real, com os filhos reais, com problemas efectivos e não na sociedade que se havia sonhado viver, sem problemas, ou com os problemas que se gostaria de ter e com os filhos que se sonhava ter.

Um olhar pela sociedade dos filhos

Como é sabido a geração dos filhos, em toda as sociedades de todos os tempos, foram e continuam a ser a grande mais-valia natural da sociedade. Isto é, os filhos de hoje são os pais de amanhã, são a vanguarda da sustentação, da continuidade e do desenvolvimento da sociedade.

Contudo, na presente sociedade, surgiram uma série de transformações estruturais e grandes metamorfoses sociais que exerceram fortes influências sobre as condições e formas de vida das gerações mais novas, o que alterou profundamente a **identidade** dos próprios filhos, bem como da própria sociedade.

Não queremos passar este breve encontro a teorizar acerca das transformações sociais, até porque não é o nosso objectivo nem tampouco o lugar aonde queremos chegar, contudo, vamos deitar mão, no decorrer da nossa linha de pensamento, de um ou outro autor, de forma a apoiar a nossa visão e, assim, a torná-la mais consistente e, logicamente, mais clara e perceptível.

Deste modo, o sociólogo britânico Anthony Giddens, que estudou com profundidade as mutações ocorridas nas sociedades mais avançadas, apresentou os grandes problemas que motivaram estas transformações e que originaram uma nova identidade. Vejamos:

A globalização, destradicionalização e o relativismo

Entendemos a *globalização* como um processo de aprofundamento integrativo económico, social e cultural, entre vários países, no final do Século XX. É um fenómeno observado na necessidade de formar uma **Aldeia Global**. Há dois factores fundamentais para a consolidação deste fenómeno: a queda de barreiras alfandegárias entre os países e a revolução tecnológica. Passou-se, na sociedade dos filhos, na nossa sociedade, a falar de televisor, telefone, computador, telemóvel, Internet, banda larga, etc., como algo natural e até quase imprescindível. O que antes parecia ser o grande desafio, a obtenção de informações transformou-se, agora, em realidade.

Esta aceleração tecnológica global levou a um corte com a **tradição**. Isto é, nos dias de hoje, dizer-se que não se tem computador, telemóvel ou Internet é ser do tempo passado, é ser “velho”, é ser da outra geração ou, de outra forma, é não ser “moderno”. Este corte ou gume com a tradição levou a encarar o que antes era considerado como absoluto e indiscutível, relativo e questionado. As tradições que no passado desempenharam um

papel estabilizador de primeira ordem vêm-se agora submetidas à reflexão mais ou menos crítica. Contudo, as tradições não desaparecem, pois elas continuam visíveis na geração dos filhos, mas, agora, são por eles reinterpretadas, reformuladas e submetidas a uma justificação própria da criatividade dos filhos. Agora bem, com o despertar do relativismo e com esta crítica às tradições, a ordem social, diremos a ordem dos pais, perde estabilidade, dado que o solo sobre o que assentavam as tradições torna-se menos firme e mais movediço.

Um outro factor que provocou as profundas transformações na sociedade foi a chamada **homogeneização funcional e a fragmentação de sentido**. A homogeneização funcional é entendida como o conjunto de acontecimentos que tem a ver directamente com a modernidade ocidental, como a revolução industrial, o crescente prestígio e o influxo social e cultural da ciência e da técnica. Produziu-se uma sociedade e uma cultura fortemente impregnadas de uma mentalidade técnico-científica e de valores como são a *utilidade, a eficácia, o pragmatismo*, etc.

Segundo a nossa visão, estes valores são vistos hoje, pelos filhos, como uma condição absolutamente necessária para progredir na **sociedade da eficácia**, altamente individualizada e competitiva. Daí, os filhos tenderem a *relativizar* aqueles valores mais clássicos, como a *humildade, a disposição para o sacrifício, o controlo das próprias necessidades, a submissão, a lealdade às instituições*, etc. Contudo, apesar da relativização dos valores clássicos e da reinterpretação ou reconfiguração dos mesmos, *surgem novos valores*, como a *auto realização, a autonomia, a competência na acção*, etc. Estes valores substituem muitas vezes outros como a *disciplina, o respeito pelos idosos, a participação institucional*, etc.

O segundo ponto, ou seja, o que Giddens chamou a **fragmentação do sentido**, já antecipada por Weber ou Wittgenstein, supõe que esta racionalidade lógico-empírica e científica pode responder a muitas dúvidas, mas, decididamente, não dá resposta às questões do **sentido da vida**.

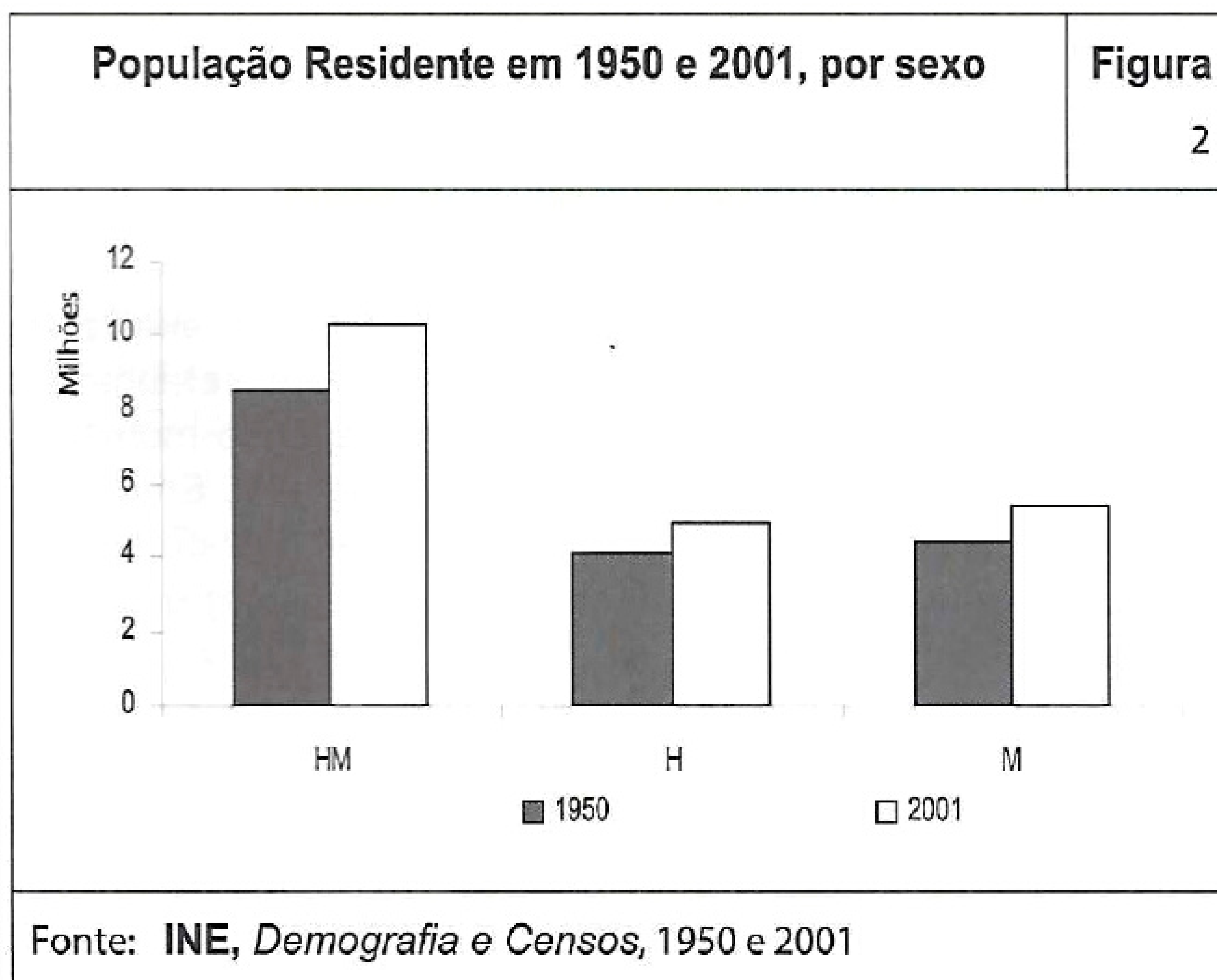
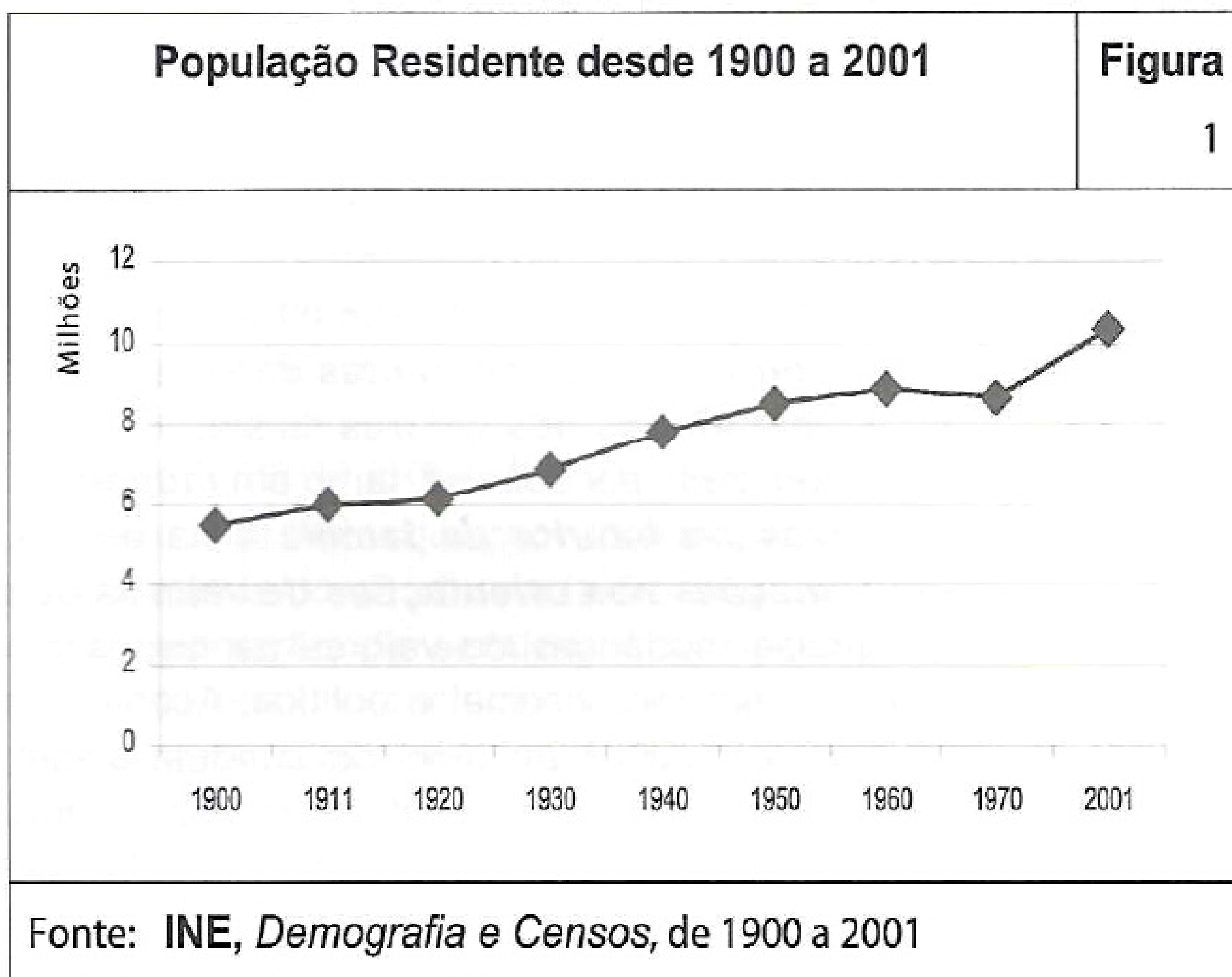
Hoje, torna-se claro, com analistas como Touraine ou Morin, que a prevalência da **racionalidade funcional** não deixa de ser

uma tirania de um tipo de mentalidade e de atitude que supõe a repressão de uma série de dimensões humanas, entre elas, a religiosa, da qual hoje não falaremos.

Esta racionalidade acabou com o predomínio de uma visão *integradora*, facilitando a dissecação das fontes de sentido, da tradição, dos valores, etc. Chegamos assim a uma *fragmentação cosmovisional* e de *pluralidade de referentes de sentido* que produziu também *metamorfoses nos valores* da sociedade no seu conjunto que se traduzem, por sua vez, tanto em *mudanças nos estilos educativos no interior da família* e na escola, assim como *transformações nas orientações de valores dos filhos*, incluindo aquelas mudanças de valores na disposição ao compromisso e à participação social e política. Acontecem também algumas transformações ao nível da conduta social, no sentido de que, entre a geração dos filhos, já não é tanto o *meio ambiente* social o que marca o estilo de vida que alguém considera apropriado para si mesmo, mas sim a decisão individual a favor de uma via de formação, uma profissão, uma forma de viver, de consumir, etc.

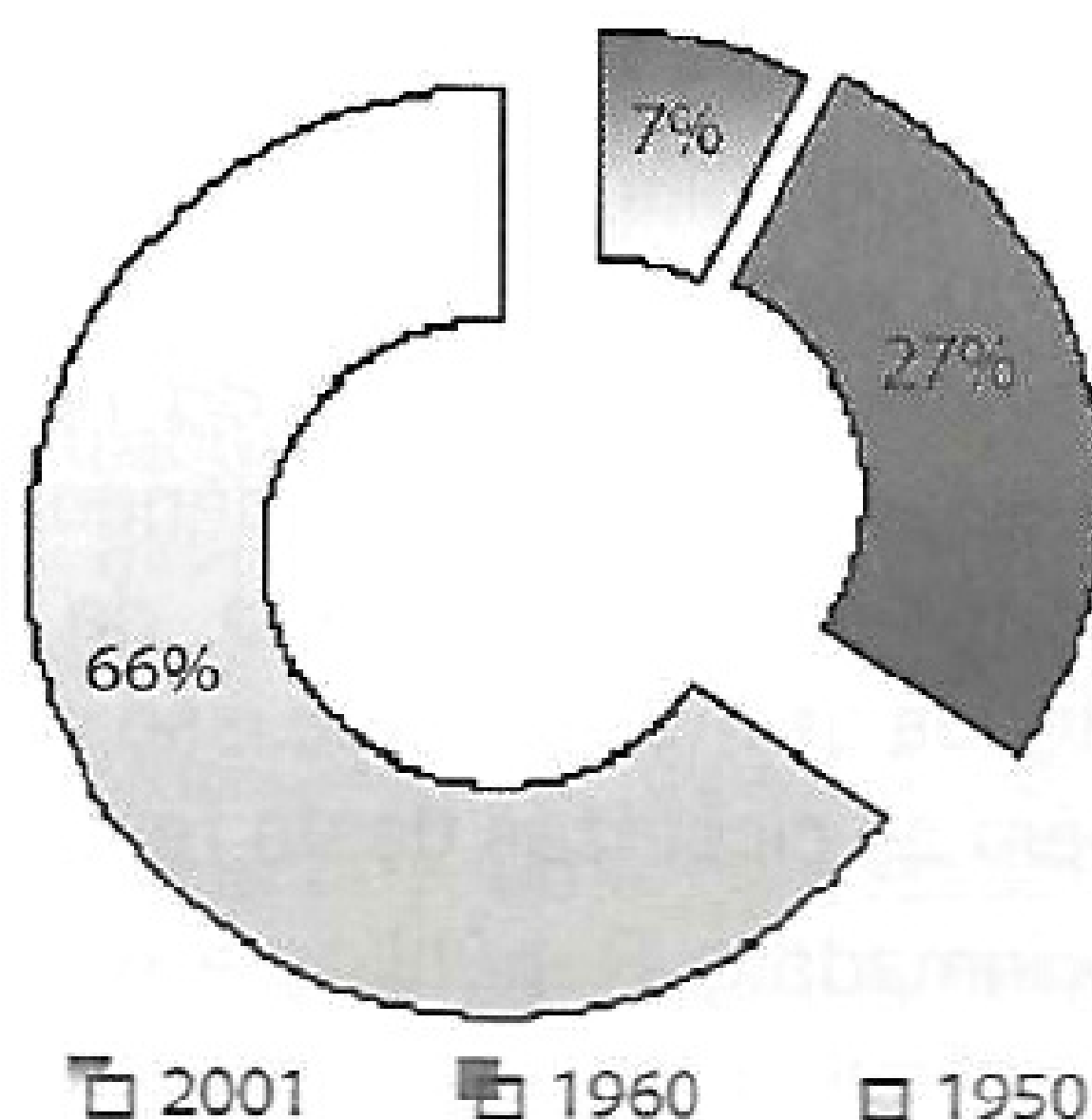
Deste modo, e resumindo este argumento introdutório de tom teórico, pode-se dizer que, a geração dos filhos *reinterpreta ou reconfigura* os valores da “geração dos pais”, bem como *gera* novos valores. Contudo, em relação aos pais, a nova geração sofreu ou está a sofrer, de facto, um *enfraquecimento* e uma languidez das grandes *ideologias* de enquadramento cultural, político e social.

Passemos, agora, a ilustrar (fig.1), com alguns exemplos, a nova ou reconfigurada estrutura social. Assim, retenhamos alguns indicadores que nos ajudarão, num segundo momento, a comparar a sociedade dos filhos com a dos pais. Entre eles vamos invocar as variações a nível populacional (fig.2-população residente), educacional (fig.3-taxa de analfabetismo) e familiar (fig.4-dimensão das famílias).



Taxa de Analfabetismo entre 1950 e 2001

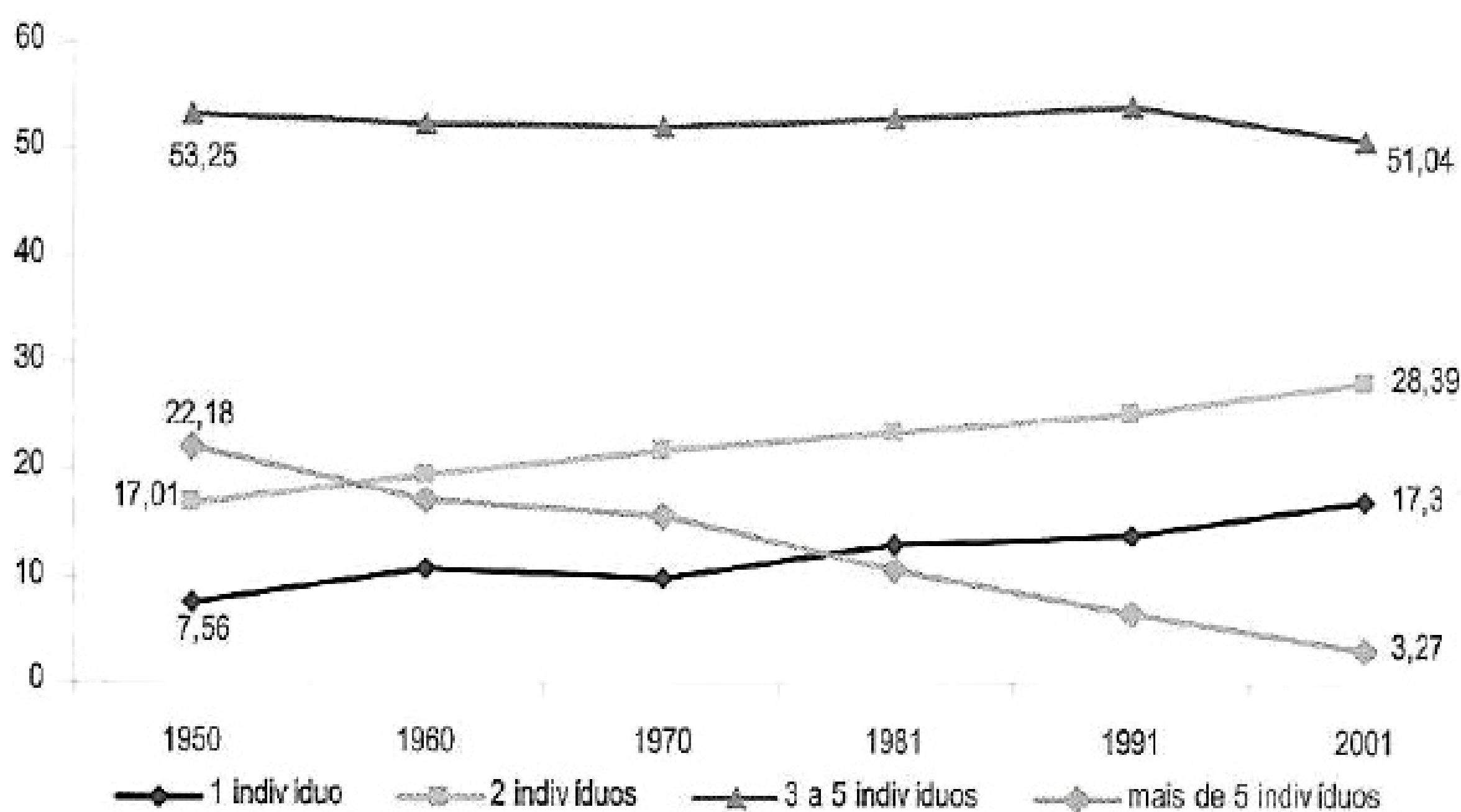
Figura 3



Fonte: **INE, Demografia e Censos, 1950, 1960 e 2001**

Famílias segundo a dimensão (percentagem)

Figura 4



Fonte: **INE, Demografia e Censos, 1950 a 2001**

Um olhar pela sociedade dos pais

Após termos percorrido, ainda que ao de leve, a sociedade que envolve os filhos, na qual eles nasceram ou na qual se estão a tornar pais, vamos, agora, observar algumas linhas de conduta que orientaram a sociedade dos pais.

A Revolução Industrial marca decisivamente a história. Estamos no decurso do século XIX e assistimos à chamada maior revolução da humanidade depois do neolítico. Passa-se, em Inglaterra, e velozmente nos sucedâneos¹, de um *país agrícola* a uma sociedade *industrializada*, da manufactura à maquinofactura com todos os avanços que isso implica. Portugal sofre e assume também as cicatrizes desta revolução.

Em 1910, é proclamada a República a que se segue um período agitado por dificuldades económicas e instabilidade política. À volta de trinta anos mais tarde, assiste-se à fome vinda da segunda guerra mundial. Poucos anos depois, na década de cinquenta princípio da de sessenta, têm esses pais hoje à volta de 55 anos, Portugal é um dos fundadores da *European Free Trade Association*², que coloca Portugal no mercado comum europeu. Em 1974, pais que hoje estão na casa dos 30, há uma revolução onde se implanta um regime democrático que restabelece os direitos fundamentais dos cidadãos e de imediato termina a nossa guerra colonial. Há ainda, entre nós, quem viva os traumas desta guerra.

Bem, olhando para a história, temos um Portugal que se lança, sem medo, à Europa, tal como outrora se tinha lançado às conquistas, mas que recua porque, em termos educacionais, não está organizado.

Na década de 60, há um grande número de pessoas que vão tentar ganhar a vida emigrando, fugindo à fadiga do trabalho agrícola ou procurando uma forma de juntar algum dinheiro, visto que em Portugal, para a maioria da população, não dava para isso.

¹ França, Estados Unidos, Japão, Canadá, Austrália.

² Em 1959, Juntamente com Grã-bertanha, Suíça, Áustria, Suécia, Noruega, Dinamarca, Portugal funda a EFTA.

Chegados aqui, vislumbremos um pouco de sentido à volta da história que envolve ambas as gerações. Terá tido a geração dos pais as oportunidades que os filhos tiveram de estudar? Em termos económicos, não terá vivido, aquela geração, situações de certo modo constrangedoras? Ou, tal como hoje acontece, tudo o que os filhos pedem, independentemente de economicamente poderem ou não, os pais concedem-no, só para não os contradizer ou, então, porque não querem que os filhos passem pelas privações materiais que eles passaram. E, em relação ao trabalho, têm os filhos, depois de regressarem da escola, que assumir grandes responsabilidades, ajudando nas lides domésticas e no trabalho forçado do campo, tal como outrora, isso acontecia? Ou quando os meninos chegam a casa existe um *game boy*, uma *play station* ou algum programa no computador à espera de serem jogados? E em relação às **tecnologias**, estaria a geração de 50 habituada à televisão, à rádio e ao telefone? Sem querer ser demasiado ousado, mas contundente, poder-se-ia perguntar pelo alicerce, isto é, teriam todas as famílias de Braga electricidade? Desnecessário será lembrar a afinidade desta geração com os telemóveis e a Internet, porque estes são, de facto, de uma sociedade moderna ou pós-moderna.

Aos olhos dos filhos, parece que estamos a falar do neolítico, do completamente passado ou de um passado que não lhes dói, porque não o amargaram, dizem os pais.

Ora, demos mais um passo e avancemos para a *educação* e para o *Brilho*. Foi dela que fomos falando, aqui e acolá mas, agora, vamos, tratá-la a sós. Vamos olhá-la como corolário legítimo de qualquer pessoa.

Um olhar pela educação

Um filósofo e educador por excelência, S. Tomás de Aquino, do séc. XIII, seguindo a etimologia “ducare”, definiu *educação* como “**condução e promoção da prole ao estado perfeito do homem que, enquanto homem, é o estado de virtude**”. Este enunciado comporta os seguintes elementos:

1. *Condução* (= *Duco*): o educador tem como objectivo *desenvolver*, o melhor possível, o educado. Contempla a orientação do educador.
2. *Promoção*: a educação não produz nem constrói nada no educando; só favorece – pro-move ou move a favor – o crescimento intrínseco na natureza do educando; isto implica que a actividade educativa deve contar com o dinamismo próprio do educando, não se lhe impondo, mas corrigindo os desvios que se podem dar. Isto exige um conhecimento ou sentido da finalidade.
3. *Prole ou geração*: a educação tem um carácter natural e não artificial; é considerada como a prolongamento e *nutrição* da geração. Desta consideração dimanam duas ideias:
 - uma é a titularidade primária dos pais na educação: estes são os primeiros e principais responsáveis da educação;
 - a outra é a duração indefinida da educação por toda a vida, enquanto continuação perfeita da nutrição.
4. *Estado perfeito*: a educação, obviamente, não dá a vida, mas facilita-a, dá o estado de vida. Neste contexto, quando se fala de *perfeito*, não significa “completamente acabado”, mas sim, o melhor possível; *perfeito*, sobretudo, significa perfectível, tendente a aperfeiçoar.
5. *Enquanto homem*: o aperfeiçoamento humano funda-se na natureza do ser humano; não se estabelece desde nenhuma instância extrínseca ao que ele é. À medida que o ser humano se aperfeiçoa, aperfeiçoa-se também o mundo que o rodeia.
6. *Estado de virtude*: este princípio supõe duas ideias:
 - a primeira é que a *virtude* é, sobretudo, a *capacidade operativa*, ou seja, a aptidão melhorada de trabalhar e de fazer, segundo a qual o ser humano

- actua do melhor modo possível e é responsável pelos seus actos – está aqui implícita a liberdade;
- a segunda leva-nos a entender que o *estado de virtude* se refere ao sentido da finalidade. O fim, por sua vez, é a actuação do homem, tal como ele é, sobre a natureza.

Esta definição, que tomamos como base para explicitar os mecanismos intervenientes neste processo global, entende e pressupõe, a nosso ver, a educação não só como *caminho*, como já vimos, mas como *nutrição* e *instrução* (ensino). Como quem quando se dirige para algum lado (*caminho*), se prepara primeiro (se instrui) e se alimenta (*nutrição*), para atingir os seus objectivos sem desfalecer.

Esta metáfora expressa a forma *sistémica* como vemos a educação. Quando alguém está de partida para viagem, a primeira coisa com que se preocupa é saber para onde se *dirigir*, para não correr o risco de girar à sua volta; depois, como um segundo tempo, é, sem dúvida, ler tudo, *instruir-se* o melhor possível para ser capaz de *discernir* as diferenças do local de onde parte, do local aonde chega, para receber a sua beleza, para compreender o que o envolve, para contemplar os outros que o rodeiam e assim aperceber-se melhor de quem é³; depois, tem que se *alimentar*, que passa pelo desejo, pela abertura esclarecida e já fundamentada a um novo mundo.

Os pais devem ter bem presente esta missão. Eles são quem, desde os primeiros tempos de vida, preparam o *caminho, a instrução e a nutrição* dos seus filhos. Este enunciado já servia para nos interrogarmos. Será que o brilho dos pais está na forma como, de um modo consciente, ponderado e sábio, apontam os *caminhos, ensinam e nutrem* os filhos? Uma luz já se alteia no nosso horizonte! Mas temos ainda outras indagações. Vejamos:

³ Somente o outro é capaz de dar acabamento ao eu. "Somos animais catóptricos", afirma Umberto Eco "que elaboram a dupla atitude de olhar para si mesmos e para os outros". Assim, os actos dos outros consistem em identificação, complementação e acabamento do eu - cf. ECO, Umberto (1989), *Sobre os espelhos e outros ensaios*, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, p. 23.

Se entendermos a educação nas vertentes acima mencionadas, então, derivamos, como um raciocínio lógico, que ela não é fortuita ou acessória ao ser humano, mas algo estritamente necessário, fundamental e imprescindível, pois sem ela não se daria o cumprimento pleno - o *perfeito* - a seu ser.

Então, a educação já não é só de uma elite, de alguns pais ou de alguns filhos mas, de facto, um bem comum a todos.

Ao olharmos assim, vemos que os pais têm, em si, a obrigação implícita de educar. Não se trata de uma vontade, nem de um desejo, nem tampouco, de quererem ser melhores do que os outros, trata-se de um *imperativo moral*, um dever inalienável que lhes assiste. E como?, perguntam vocês.

Bem, até aqui já chegamos. Vamos, agora, depois de exposto o problema e feito o enquadramento teórico, na recta final, fazer trabalho de campo. Vamos conviver com os pais e simultaneamente com os filhos. Vestir a pele de ambos. Vamos, agora, olhar e ser olhados.

Na geração dos pais, havia o jogo de saltar à corda, um ou dois a saltar ao meio e, lá se saltava, sem o intuito de se pensar que se estava a fazer ginástica; aos olhos de hoje, seria dois em um; havia também os jogos de pátio “a macaca” e de quintal “do esconde” eram, sem dúvida, jogos de experiência, de participação, de partilha e de alegria. Na geração dos filhos, assistimos, como já referenciamos, aos jogos de *play station*, muitas vezes violentos, assistimos ao mp3 nos ouvidos ou ao televisor no quarto, ligada por TV Cabo, disponibilizando um conjunto de programas arrojados e de índole atrevidos. Estes últimos momentos lúdicos do dia tornam-se, assim, pela sua natureza, causa de individualismos, tornando os filhos demasiado solitários, egocêntricos, donos do seu saber, da sua realidade para os quais, muitas das vezes, não há outras realidades que não as suas, levando-os a serem muito bons, desde novos, no inglês ou na informática, mas muito sensíveis no temperamento, pela falta de sociabilização ou pela falta de partilha do espaço ao ar livre descomprometido, tal como no tempo dos pais.

Hoje, os pais colocam os filhos em tudo o que é actividades. Como que educar fosse preencher o tempo aos filhos. Colocam-nos na escola, na ginástica, na música..., enfim, alguns ainda na

pintura ou no desenho. Bem, pensam os pais: a escola é para a formação acadêmica, a ginástica para o corpo e as artes para o espírito. Que bom, se assim fosse. Mas não se tratará, muitas das vezes, de uma projecção dos pais? Daquilo que gostariam de ter aprendido e não tiveram oportunidade? Não será, até, uma exigência social? E aonde se enquadra, aqui, as vontades dos filhos e o seu crescimento livre e natural? Claro que a sociedade mudou. E os pais, ou melhor, a mãe, que dantes estava em casa, hoje, trabalha e o filho só pode regressar quando a mãe o for buscar. As coisas tendem a complicar-se. Se olharmos para as novas famílias monoparentais, a mãe e o filho, ou o pai e o filho ou, desgraçadamente ainda, a mãe e o amigo, ou o pai e a amiga que não se organizam devidamente para zelar pela integridade do filho. Durante a semana este vive com uns e chega ao fim-de-semana, com outros. E o filho a única coisa que pede é um pouco de paz. Não me comprem, diz ele, nem me façam perguntas sobre quem vive com o meu pai ou a minha mãe. Deixem-me ir jogar.

Vamos por ordem nisto. O clarim toca à carga, “vestimos” a pele do guerreiro. O certo é que a pós-modernidade, mais do que remeter-nos para questões de sentido, ou de verdade, remete-nos para a plausibilidade dos diversos discursos, para a possibilidade, e pouco mais, das plataformas de *verdade*, que sustentam ou travam uma qualquer tentativa empreendedora da nossa parte. E as consequências não se fazem esperar: as pessoas, tanto os pais como os filhos, experimentam a decepção ao verem questionadas muitas das suas visões do mundo e dos seus comportamentos. Os referentes de sentido cambaleiam e com eles a identidade familiar.

Não estão os pais a querer tornar os filhos adultos antes do tempo? Vestindo-os, já, como homens e mulheres que ainda não são! Não terão direito os filhos a passar pelas fases da adolescência, da juventude, a arriscar, a aventurar, a errar e, assim, a irem amadurecendo à custa da auto-aprendizagem, como quem repete várias vezes um exercício e só à custa de ter errado tantas vezes é que sai bem! ***Porque é que os pais de hoje antecipam a visão dos erros e das quedas dos filhos!*** Não será depois maior o erro, como se tratando de um defeito de personalidade e de temperamento?

E a questão dos filhos dizerem que os pais são os seus melhores amigos - dirá esta expressão toda a verdade? O que se esconde por detrás destas palavras? É constante ouvir-se da filha que a melhor amiga é a sua mãe. Que lindo que é ouvir e sentir a plenitude desta asserção. Contudo, levanta-nos algumas questões de princípio. Reflictamos juntos, anotando já algumas pistas por onde os pais devem fazer caminho.

Em primeiro, façamos jus à audaz expressão “a minha melhor amiga é a minha mãe” ou o pai. Será que, nos tempos modernos, os filhos não têm amigos com quem podem desabafar, arejar, partilhar com alguém da sua idade, do seu meio, o que lhe vai na alma? Será que os filhos, ponhamos o caso na filha, que não passa de um mero exemplo, diz à mãe, a sua suposta melhor amiga, que fuma e que bebe álcool nas festas, às vezes de um modo exagerado? Será que diz à sua mãe que namora, embora só tenha 13, 14 ou 15 anos e que atrás do pavilhão, às vezes se porta mal, tão mal que, por vezes, não se identifica com ela própria? Será que a filha diz à sua mãe que, quando vai para cama, está uma hora ao telemóvel, com uma amiga, ou amigo?

Isto faz-nos pensar! Não estará a mãe, neste caso elucidativo, a legitimar e a justificar as acções da filha e, conseqüentemente, a perder o poder paternal e referencial do dever de educar que lhe está implícito? É obrigação, a nosso ver, dos pais acompanhar os filhos, mas sem nunca perder a noção de que são pais, de que são referências, de que são a luz ou o norte dos filhos. E tudo isto conjugado com a responsabilidade de verdadeiros **pedagogos**. Como na Grécia antiga, o escravo ou o servo que se encarregava de acompanhar a criança nos trajectos quotidianos entre a casa e as palestras⁴. Neste enquadramento, o pedagogo transportava, se houvesse necessidade, a bagagem do jovem e por vezes, se o mesmo estivesse cansado, carregava-o. Possuía ainda uma lanterna que servia para iluminar o caminho. O pedagogo, porque passava o dia perto do amo, era também o seu vigia. Isto é, deixava-o por conta própria, mas sempre vigilante. E, por extensão do cargo, o pedagogo cuidava também

⁴ Muitas vezes, “escolhia-se para este cargo alguém que, devido à idade, a ser aleijado, ou a sofrer de outros defeitos, fosse incapaz para os serviços domésticos.” (Monroe, 1979: 41).

da educação moral do seu pupilo, das suas boas maneiras, do seu carácter. Serão, hoje, os pais verdadeiros pedagogos? Não se corre o risco de, nesta amizade profundamente íntima entre mãe e filha, perder a lição do velho pedagogo? Acreditamos que educar é, de facto, **abandonar a estrutura mental dos pais** e, assumindo os olhos dos filhos, ver o mundo como eles o vêem, ajudando-os, apontando-lhes soluções para os seus problemas, contudo, nunca perdendo a noção de que é noutra dimensão ou noutra estrutura que se encontram. São pais e, como pais, são diferentes dos filhos.

Fazemos ainda breves referências a outras questões por onde podem despontar os *pais brilhantes*. Chamamos atenção, em primeiro, da **cultura do espectáculo ou da imagem** que gera alguns hábitos e um clima que deixa obsoleta a vida familiar. Será importante, dizemo-lo com humildade mas cremos que a cultura dos pais brilhantes passa por aqui, saber desligar a televisão e ligá-la no seu tempo devido. A própria televisão deve proporcionar um espaço de convívio, de partilha e de crescimento da família, e não, como às vezes acontece, gerar individualismo, na medida em que se encontra a família reunida mas, em vez de partilhar o seu dia, as suas alegrias ou tristezas, estão as pessoas em silêncio, dia após dia, diante do ecrã, exibindo notícias, filmes ou imagens que levam a criar outros imaginários que não o familiar.

Outra questão, que julgamos pertinente e que merece a atenção dos pais é a **cultura da noite**. A chamada subcultura do “fim-de-semana” que se inicia na sexta à noite ou na quinta à noite e que choca frontalmente com os horários e ritmos familiares. Merece, esta questão, muita ponderação e sensatez por parte dos pais! É importante, contudo, que não sejam os filhos a esperar pelos pais. Estamos em crer que a família moderna perdeu o controlo sobre o tempo. Já não é o gestor do tempo como o foi no passado. Todavia, tem que se encontrar, dentro da própria família, a noção do equilíbrio do tempo.

Para irmos terminando, porque muitos são os exemplos que nos acercam, gostávamos de focar uma das questões prementes do nosso tempo, a questão das redes virtuais, mais conhecida por *Internet*.

A Internet foi, de facto, das grandes inovações que veio facilitar a comunicação, aproximar as pessoas, otimizar o tempo, etc. Contudo, há também o reverso da moeda, pois, através dela, é perfeitamente possível comprar tudo, mesmo tudo, desde um livro ou um cd, a uma arma ou a algum tipo droga. Claro que se formos para os “chates” as coisas tendem a piorar, pois não se sabe com quem se está a falar. Pode-se estar a falar com alguém que não é, mas que passa por ser. Daqui podem decorrer alguns perigos eminentes, dada a ingenuidade da geração mais nova.

A postura dos *pais brilhantes*, diante deste problema, estaria em ensinar, ou ir ensinando a usar a Internet, como quem usa a TV, pouco a pouco e com equilíbrio.

Bem, retenhamos antes de finalizarmos uma só ideia que julgamos importante e digna de consideração: ***pais brilhantes não nascem feitos***, fazem-se ao longo da vida, amadurecendo com a educação dos filhos. É um caminho a que todos os pais, independentemente da sua situação sócio-económica, são chamados a percorrer. E estes se desejam alcançar o brilho da excelência, então têm que atender às várias dimensões por onde discorre a educação. Vejamos:

1. O clima de amor e afectividade indispensável à educação dos filhos;
2. Identificar os verdadeiros valores e comunicá-los pela constância da sua conduta. Se dizer a verdade é um valor que deseja que os seus filhos assumam, então diga-se sempre a verdade e não só quando é conveniente;
3. Ver a disciplina como um processo contínuo para ajudar os seus filhos a ter domínio e disciplina própria. A disciplina apropriada ajudará os filhos a encontrar condutas aceitáveis e ensiná-los-á a incorporá-las nas suas vidas;
4. Expressar o amor e a aceitação aos seus filhos, ainda que estes tenham tido comportamentos indesejáveis. Os filhos devem saber que o amor dos seus pais não diminui;

Em termos mais genéricos:

5. Organizem-se e participem activamente em associações de pais, quer seja nas escolas ou noutras instituições aonde os vossos filhos estão presentes, pois é nesses lugares que as coisas devem ser ditas e partilhadas a fim de que se resolvam;
6. Entende-se a educação, muitas vezes, em compartimentos distintos. É preciso que os pais procurem e aceitem as parcerias necessárias com diferentes instâncias educativas;
7. Sejam responsáveis na escolha da escola e dos projectos educativos para os vossos filhos.

Pois, mais do que nunca, ser bons pais, isto é, pais responsáveis, conscientes e esclarecidos é estar atentos aos comportamentos diários, desenvolvimento e ao crescimento dos filhos, tal como fazia o velho pedagogo, que carregava, se fosse caso de debilidade, o amo, que o vigiava e o iluminava pelos caminhos.

De facto, hoje, os pais não podem ser os **únicos** a realizar uma tarefa tão complexa como é a educação. Contudo, não podem **transferir nem delegar**, como muitas vezes o fazem, esta responsabilidade na escola ou noutras instituições. Os pais, conscientes da missão que assumiram desde *a priori*, não podem deixar de oferecer continuamente propostas de educação inovadoras, reformadas e criativas aos seus filhos. Em educação não existem **receitas** globais. A prescrição que serviu para tratar um, pode adoecer ou até matar o outro. Daí que, cada família, cada casal, cada pai ou mãe, tem que, com criatividade e dedicação, encontrar a melhor e a mais ajustada receita para o seu filho.

10 Princípios

1. Passe mais tempo a fazer as coisas com os seus filhos;
2. Veja TV com eles, ensinando-os a seleccionar e a interpretar o que vê;

3. Partilhe pelo menos uma refeição por dia e fale à mesa sobre as coisas que aconteceram no seu dia;
4. Fale menos e escute mais os filhos. Pergunte: que pensam? Como se sentem? Que querem? Como lhes parece?
5. Explique um pouco mais e negocie menos.
6. Deixe que os filhos lhe ensinem como jogam
7. Leia um pouco mais aos filhos, com eles e perante eles (livros, revistas, jornais)
8. De vez em quando, esqueça os horários rigorosos e jogue, salte, pinte...
9. Perante um mau comportamento do seu filho, evite actuar de imediato
10. Antes de adormecer esteja com eles, reze, conversem, perdoem, projectem... e sonhem!!!

Bibliografia

- Almeida, A. N. (2003), Família, conjugalidade e procriação: valores e papéis. In Vala, J. (org.), *Valores Sociais: Mudanças e contrastes em Portugal e na Europa*. Parte 1, cap.1, Lisboa, ICS, pp.47-93.
- Berger, Peter; Thomas, Luckmann (2004), *Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido- A Orientação do Homem Moderno*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Bertrand, Y. (1994), *Paradigmas Educacionais*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Cury, A. (2003), *Pais Brilhantes, Professores Fascinantes*. R. Janeiro: ed. Sextante.
- Durkheim, E. (1983), *Sociologia, Educação e Moral*. Lisboa: Editorial Presença.
- Giddens, A. (1993), *Consecuencias de la modernidad*. Alianza Universidad: Madrid.

- Horkheimer, M. (1983), *Autoridade e Família*. Lisboa: Materiais Críticos.
- Jung, C. G. (1981), *O Desenvolvimento da Personalidade*. Petrópolis: Vozes.
- Leandro, M. E. (2001), *Sociologia da Família nas Sociedades Contemporâneas*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Nunes, J.C. (1992), *As Teias da Família: A Construção Interaccional das Solidariedades Primárias*, Tese de Doutoramento em Sociologia, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.
- Wall, K. (coord.) (2005), *Famílias em Portugal, Percursos, Interações, Redes Sociais*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.